

– **E**stes sons metálicos rebentam-me os tímpanos – protestava Sagoe, enquanto tapava os ouvidos com os dedos para se proteger do ranger ensurdecedor das mesas de ferro.

Pouco depois, Dehinwa levantou-se subitamente e Sagoe quase partiu o pescoço, ficando com a cabeça suspensa no espaço onde estivera o colo dela. Os braços de Bandele eram de facto fantásticos. A uma distância mínima, conseguiam abarcar a mesa e as cadeiras, empurrando-as contra a parede, à medida que os dançarinos fugiam das enormes línguas dos camaleões, que surgiam com a chuva e o vento e saltavam sobre eles, visivelmente ameaçadores. De um momento para o outro, ficou apenas a orquestra.

Só passado algum tempo é que Egbo se apercebeu do que estava a acontecer, olhou para o telhado que não parava de gotejar, e despejou a cerveja para o chão, murmurando indignado:

– Não preciso da sua piedade. Não há ninguém que diga a Deus que pare de chorar para a minha cerveja?

Sagoe continuava a friccionar o pescoço.

– És uma mulher terrível! Viste o que fizeste? Até podia ter partido o pescoço!

– Tenho de ter cuidado com o meu cabelo!

– O cabelo! É mais importante o cabelo dela do que o meu pescoço! Porque é que não usas peruca como todas as mulheres elegantes?

– Detesto perucas.

– Se persistes em andar sempre com o teu cabelo, as pessoas ainda vão pensar que és calva...

Separado apenas pela parede de bambu, com cerca de um metro de altura, que dava ao clube uma certa intimidade – visite os reservados do nosso Clube Campana, etc., etc. –, Egbo observava o charco cada vez maior, onde ainda boiava a espuma da sua cerveja. Uma parte desta agarrara-se obstinadamente à parede de bambu e aumentava de volume com a água; a restante, tendo caído diretamente sob as goteiras de água, escorregara logo de seguida.

– Ora bem, a decisão foi minha. Não me posso queixar. Bandede olhou para ele.

– Oh, isto é apenas uma conversa entre mim e este eloquente charco.

Dois ramos afastavam as águas calmas do riacho e a canoa arrastava-se, deixando atrás de si um sulco entre as margens lamacentas; o silêncio era profundo e eles chegaram a um lugar onde se via um velho canhão ferrugento à superfície das águas. As velhas canoas, ancoradas ao longo da margem, constituíam um triste quadro do passado; mas tudo aquilo parecia irreal. Os remadores reduziram a velocidade e atracaram o barco ao canhão. Egbo pôs a mão dentro de água e os seus olhos mergulharam na quietude salobra, nas profundezas escuras, fixando-se no leito lodoso. Tinha um olhar calmo e parecia profundamente absorto.

– Talvez tenham adivinhado. Os meus pais morreram afogados precisamente aqui.

A canoa retomou o seu percurso.

– Os vossos sábios chineses diriam certamente que o que eu disse é falso. Como posso eu afirmar que os meus pais morreram neste lugar, se a água que hoje aqui corre não é a mesma que aqui

corria o ano passado, ou mesmo ontem!? Ou há momentos atrás, quando eu falei. De qualquer forma, o meu avô não é filósofo. Ele colocou aquele canhão ali para assinalar o lugar, por isso os meus pais morreram ali.

Os outros afastaram o olhar, sem saberem o que dizer. Do canhão, que se afastava, emergia um caranguejo caricato, cujas patas pareciam estender-se ao sol, chegando mesmo a penetrar na água. Formara-se uma crosta de lodo da cor da água nas canoas ancoradas, que em tempos haviam sido orgulhosas canoas de guerra. O mangal parecia não ter fim e Kola quebrou o silêncio, dizendo:

– O mangal deprime-me.

– A mim também – disse Egbo. – Creio que nunca poderei libertar-me totalmente da água, mas na verdade odeio tudo o que se relaciona com a morte. Lembro-me de que, quando estava em Oshogbo, gostava de ir para as margens do Oshun, lá permanecendo horas a fio, escutando o rumor das águas. A particularidade que me atrai nestes riachos é a sua quietude. E lá permanecia, convencido de que os meus pais surgiriam da água para me falarem. Eles tinham-se tornado parte integrante da água; quanto a isso não possuía quaisquer dúvidas, portanto esperava que aparecessem logo que para tal houvesse condições. Oshun tinha este mesmo aspeto sombrio e eu ia, noite após noite, para as suas margens, chamando por eles e colocando o meu ouvido contra as águas – riu. – Só me deixei vencer pelo cansaço físico. Os meus tutores pensavam que eu me tornara seguidor de Oshun. Que valor teria eu para Oshun, não me dizem?

Enquanto falava, Egbo arrastava a mão pela água, arrancando as plantas aquáticas e dobrando os longos caules esbranquiçados.

– Evidentemente isto foi apenas uma fase, mas eu sentia-me de facto atraído pela incerteza. Adorava a vida calma e misteriosa. Durante as férias, ia para lá ler os meus livros. Porém, mais tarde, comecei a ir mais longe, para a velha ponte suspensa, onde a água corria livremente sobre rochas e areia branca. E o Sol brilhava

intensamente. Também havia profundidade naquela turbulência, pelo menos eu tinha a impressão de estar imerso na escuridão, com um céu sem nuvens. Era tão diferente do mangal, onde a profundidade me sufocava! Na ponte, ela era indefinível e era preciso perscrutá-la atentamente.

De súbito, sentiu-se apreensivo, o que lhe provocou uma certa frustração e embaraço, desejando, agora mais do que nunca, parecer claro e inequívoco.

– Estou a tentar explicar porque é que as recordações não me dominam. Não voltei a este lugar desde que os meus pais morreram. Ocasionalmente, a minha tia trouxe-me aqui, decerto para dizer aos velhotes que eu ainda estava vivo. Tinha então catorze anos e desejei que fosse, de facto, a última vez.

Bandele franzia o sobrolho, o que não passou despercebido a Egbo.

– Porque franzes o sobrolho?

Bandele limitou-se a abanar a cabeça.

– Não concordas? Sekoni, qual é a tua opinião? Se os mortos não são suficientemente fortes para estarem sempre presentes na nossa existência, não poderiam ficar como estão, mortos?

– S-s-se f-fazemos tais d-distinções, estamos a quebrar a cúpula da continuidade, que é afinal a p-própria vida.

– Mas então – continuou Egbo –, será que temos de continuar a tentar captar os mortos? Porque é que os mortos, por seu lado, hão de reacear falar à luz?

– P-p-por isso mesmo, d-devemos aceitar a cúpula universal, p-porque não existe q-q-qualquer rumo. A p-ponte é a cúpula da religião e as pontes não se m-movimentam de um lado para o outro; uma p-ponte t-t-também está voltada para t-trás.

– Devia haver mais *alhajis* como tu, Sheikh – disse Egbo. – Todos violam o silêncio, mas as pessoas como tu têm um objetivo preciso.

Lentamente, a letargia apoderara-se dele e alastrara de uma forma impercetível; as suas vozes projetavam-se num longínquo eco, à semelhança das lamúrias de um catequista muezim. E a súbita aparição da cidade, ainda distante e envolta numa espessa névoa, violando a paz, ao rodeá-los sem os avisar, tirou-lhes por momentos a vontade de falar. Lentamente, como se qualquer movimento repentino pudesse perturbar os balanços cadenciados, Kola pegou nos seus lápis de desenho e com a mão fez sinal ao remador mais próximo. A canoa abrandou a marcha e parou.

– Corresponde exatamente à imagem que tenho dela – murmurou Egbo. – Um interlúdio da realidade.

Estacas lamacentas e, sobre elas, paredes lisas, brancas e cinzentas, cobertas por telhados de colmo. Na doca seca, sob uma prancha, estavam canoas de cores contrastantes, relíquias dos dias em que os peixes alimentavam aqueles que contestavam as leis da caça. Agora, esperavam a competição anual e a reconstituição da guerra das grandes canoas. Osa dormitava tranquilamente sob espessas sombras entrecortadas, aqui e ali, por raios solares, cujos reflexos quase cegavam, quando, subitamente, um pequeno barco emergiu de uma enseada oculta, parando junto aos restantes barcos ancorados. Dele saiu um homem corpulento, seminu, cuja barriga tinha um aspeto luzidio, como se o azeite da sua última refeição estivesse lentamente a vir à superfície. Mesmo àquela distância, a sua obesidade não lhes passava despercebida; o homem atracou facilmente o seu barco, pôs um saco ao ombro e desapareceu nas sombras.

Os remadores haviam recomeçado o percurso, mas Egbo ordenou-lhes que parassem de novo.

– Esperem.

O homem desconhecido quebrara a crosta do tempo; Egbo viu anões sentados aos pés de um grande senhor, cujas fortes gargalhadas semeavam o terror no grupo desordenado de pessoas que o

escutavam. Foi empurrado para o centro desta cena pela tia, que, sempre insensível à dignidade do seu pai, lhe gritou quase ao ouvido:

– Trouxe-te o teu neto.

E Egbo recordava-se nitidamente da súbita transformação do velho, de como as suas gargalhadas ameaçadoras se haviam tornado num verdadeiro deleite e da força súbita e incompreensível que o elevou por cima dos anões, colocando-o nos seus joelhos. Egbo sentiu de novo o contacto de uma terrífica virilidade, de duas mãos que lhe acariciavam o rosto e a cabeça, especialmente a cabeça, de dedos que, debaixo dos seus cabelos, lhe comprimiam o crânio como se pretendessem esmagar-lhe o cérebro. E sentiu nos músculos e no peito o som de um tornado, que era novamente a gargalhada de satisfação do seu avô. Fora este o seu último encontro. E agora, algo, algo, uma visão do grande senhor abandonando a audiência com passos firmes, deixando mesmo para trás os seus anões, os seus eternos companheiros, ainda que Egbo tivesse tido a sensação de que eles eram os seus guias, na cabeça dos quais ele apoiava a mão para obter diretivas. Examinando-os cuidadosamente, começou a reler as suas memórias...

– Perante isto – começou Kola, mal desviando a atenção do seu caderno de esboços –..., controlando rigidamente qualquer movimento à sua volta, para todos os efeitos um deus entre os homens... é assim que eu imagino o teu avô. E uma cabeça completamente branca.

– E também cego, suponho!? – disse Egbo, dirigindo-se aos remadores, na expectativa de uma resposta. Estes hesitaram e gaguejaram, nitidamente pouco à vontade. Egbo pressentiu, vagamente, como que um código de tabus, o que lhe deu a sensação de afastamento. – Mas eu sou neto dele – protestou. – Vocês não estão a falar com um estranho.

Porém, os remadores continuaram em silêncio. Egbo insistiu:

– Eu era ainda uma criança quando o vi pela última vez e já então a vista lhe começava a falhar. Será que agora vê perfeitamente?

O remador mais velho refugiou-se num provérbio. Quando lhes perguntavam por que motivo nunca respondiam objetivamente às perguntas que lhes eram feitas, os conselheiros respondiam: «O rei diz que está cego.»

O espectro de gerações surgia agora à sua frente e Egbo pensou que iria retrair-se sempre, ainda que incessantemente atraído pelo modelo dos mortos. Porém, o fim da viagem aproximava-se, e ele hesitava e estremecia precisamente no último momento. Não seria a exumação de um passado melhor e já esquecido? Pensando bem, quem sou eu para me imiscuir? Quem? Contudo, e isto era muito importante, ele tinha consciência e desprezava a época que tentara mutilar os seus princípios.

E havia a ameaça pessoal ao seu avô; porém, não duvidava de que o velho conhecia os riscos políticos e aceitaria reversões. E Egbo desejava que isso fosse tudo, que a luta fosse apenas política, nada mais. Contudo, Egbo sentira no velho e na sua existência uma essência viril, uma graça redentora. Ele sabia que isto estava a ser destruído por homens sem valor e de mau caráter, que se envaideciam por motivos fúteis.

– Há também o meu orgulho de raça – disse Egbo. – Apesar de tudo, eu sou um Egbo.

Pois bem, ele podia ficar. A União dos Descendentes de Osa enviava diariamente os seus porta-vozes para o importunarem, obcecados com a ideia de um «chefe iluminado», e, gradualmente, Egbo começara a interrogar-se e a indispor o chefe militar das enseadas contra as faces obtusas, cinzentas e burocráticas dos Negócios Estrangeiros. E uma raiva surda, pânico e receio daquele complexo abismo, crescia dentro dele. Que queriam dele? Como ousavam sugerir obrigações? E este estranho, cuja respiração vacilante podia ouvir em todas as súplicas deles – e era, com efeito, um estranho separado por uma geração não menos frágil –, um pai cuja canoa se movia entre as povoações espalhando uma palavra que, apesar da aceitação ritual, pouco